

ANÁLISE DA MEMÓRIA EM PODCASTS JORNALÍSTICOS

MEMORY ANALYSIS IN JOURNALISTIC PODCASTS

Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira¹
José Jullian Gomes de Souza²

Resumo

Nosso objetivo com esta investigação foi refletir sobre o processo de arquivamento, linguagem e a memória de *podcasts* jornalísticos. Como objeto de análise, selecionamos 100 edições do podcast “O Assunto”, produzidas pela redação do portal de notícias brasileiro G1, sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Como procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa quali-quantitativa e observação do acervo do podcast em análise, totalizando 100 edições observadas. Mediante o processo de análise, foi possível elencar de forma exploratória três elementos presentes em todos os programas analisados: a linguagem transmídia, o arquivamento virtualizado em áudio da memória social e a convergência das informações noticiosas do site G1 e da Central Globo de Televisão na composição do texto dos *podcasts*.

Palavras-chave: Notícia transmídia. *Podcast*. Redações convergentes. Memória. Jornalismo.

Abstract

Our objective with this investigation was to reflect on the archiving process, language and the memory of journalistic podcasts. As an object of analysis, we

¹ Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em Comunicação e Linguagens, UTP. Bacharel em Jornalismo pela PUC-PR. Professor associado do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal do Cariri (UFCA), Ceará. Líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo (CEPEJor/UFCA/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8060-9358>. E-mail: paulo.cajazeira@ufca.edu.br

² Mestre em Biblioteconomia pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo (CEPEJor/UFCA/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4007-8545> E-mail: jullianjose64@gmail.com

selected 100 editions of the podcast “O Subject”, produced by the newsroom of the Brazilian news portal G1, under the guidance of Central Globo de Journalism. As methodological procedures, we used qualitative and quantitative research and observation of the podcast collection under analysis, totaling 100 editions observed. Through the analysis process, it was possible to list three elements present in all the analyzed programs in an exploratory way: the transmedia language, the virtualized audio archiving of social memory and the convergence of the news information from the G1 website and the Central Globo de Televisão in the composition of the text of the podcasts.

Keywords: Transmedia news. Podcast. Converging newsrooms. Memory. Journalism.

1 INTRODUÇÃO

O *podcast* é um arquivo em áudio como se fosse um programa de rádio, que pode ser escutado em hora e forma mais conveniente ao ouvinte em tempos de mobilidade e dispositivos móveis. Ao invés de sintonizar em uma estação de rádio, o usuário pode acessá-lo por meio de aplicações digitais, serviços de *streaming* de música ou na web. Quanto ao seu formato, os *podcasts* podem ser temáticos, contar uma história única, trazer debates ou apenas conversas sobre os mais diversos assuntos. É possível também ouvir a episódios avulsos ou subscrever um podcast – gratuitamente - e, assim, ser avisado por meio de notificações (*push*) sempre que um novo episódio for publicado.

Diante de mudanças no cenário do ecossistema midiático, transformado pela cultura da convergência, nos deparamos com essas novas linguagens hipermidiáticas para arquivos digitais em áudio, os *podcasts*. As múltiplas possibilidades oferecidas pelas ferramentas em ambientes convergentes resultam em narrativas transmidiáticas – que compõem os conteúdos informativos disponibilizados em diferentes plataformas de acesso ao público. Essas partes articuladas vão se juntando, transmutando-se em versões virtuais que são possíveis devido à estrutura de caráter não sequencial e multidimensional do hipertexto sonoro.

Acreditamos, por hipótese, que os *podcasts* provenientes de redações convergentes, geram produtos híbridos com fragmentos de notícias geradas anteriormente por outros meios do mesmo grupo empresarial de comunicação e, reconhecidas através de ações associativas do receptor. Tais associações do usuário, sistematizam a articulação de sentido por meio do som, ruído e textos, que

dão suporte a construção de um modelo de linguagem híbrida de radiojornalismo, telejornalismo e webjornalismo em *podcasts*.

O fenômeno transmídia geralmente se origina a partir de grandes conglomerados midiáticos como é o caso do *podcast* “O Assunto” da Globoplay, produzido pela redação do G1 em coparticipação com jornalistas da TV Globo e do Portal de notícias G1. Dessa forma, o fenômeno transmidiático que “desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta” (JENKINS, 2009, p 138), tem como efeito a elaboração de um produto como ponto de partida, mas que incita a produção de outros conteúdos originando em demais produções, independentes, que circula nos diferentes suportes e plataformas midiáticas (SOUZA, 2015).

Pensar a ecologia de mídias (SCOLARI, 2015) e todo seu ecossistema permite uma compreensão ampliada sobre a necessidade de reapropriação dos velhos meios, aliada à introdução de novos elementos para ocuparem um espaço nas plataformas digitais e, assim, alterando o processo de construção da linguagem jornalística. Como ocorreu no caso do rádio, reconfigurado a partir da convergência entre rádio, TV e a internet.

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação. Ela propicia uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que sejam distribuídos a cada uma delas (SALAVERRÍA; GARCÍA-AVILÉS; MASIP, 2007).

Dessa forma, discutir sobre essas produções em áudio não apenas aprofunda a discussão, mas eleva o nível de amplitude desse objeto de pesquisa. Sobretudo, em um momento no qual a sociedade se depara com um crescimento vertiginoso de *podcasts*, que são arquivados nesses ambientes digitais e acessados pelo usuário através das mídias móveis e fixas.

2 O ARQUIVO DIGITAL EM ÁUDIO COMO DOCUMENTO JORNALÍSTICO

A problemática acerca dos arquivos e dos processos de arquivamento de documentos em áudio não é recente. O homem por natureza é um produtor de informação e ao longo da história foi desenvolvendo formas de arquivamento dos registros informacionais, para uma posterior disponibilização, acesso, uso e chegando na recuperação da informação. Esses procedimentos proporcionam novas experiências e formas de tratamento como os documentários em áudio

e, que extrapolam a sua produção e redirecionam a discussão para um segundo momento: as formas de consumo dos arquivos sonoros: os *podcasts*.

Ao se referir sobre a origem do arquivo Vieira (2016), explica que ela parte da necessidade do homem em registrar o seu cotidiano e como evidencia Leopoldo Sandri (1968 *apud* CRUZ MUNDET, 2012, p. 21, tradução nossa), “[...] a história dos arquivos está estreitamente ligada a história da escrita e, mais precisamente, a história da difusão e do uso da mesma, portanto, do material escrito”. Esse material escrito funciona como prova, como uma lembrança visível do que já foi vivido pelo homem ao longo da vida.

Já o arquivo moderno como esse lugar físico está relacionado com a Revolução Francesa, como forma de rastreamento do conhecimento social e de documentos históricos (RICOEUR, 2007). Assim, para Foucault (2009), os arquivos representam práticas discursivas fazendo com que as declarações possam emergir como eventos, sendo usadas ou ignoradas como coisas ou objetos que resguardam informações e transformando-se em conhecimento e memória da humanidade.

O arquivo é discutido nas pesquisas de Edmondson (1998, 2017). O autor, ao se referir sobre o tema, explica que:

O uso do termo arquivo [*archive*], singular ou plural, em linguagem comum, é em si mesmo problemático por causa das suas múltiplas associações. Em uso popular, tem largas conotações com um lugar onde o ‘velho’, ou onde materiais não correntes são guardados. Com as suas conotações populares de pó, teias de aranha e decadência, de material esquecido, fechadas e de acesso remoto, a palavra é frequentemente uma desvantagem nas relações públicas. Falar de material ‘descoberto’ ou ‘desenterrado’ nos arquivos não reflecte a precisão, orientação para o utilizador e o dinamismo de um arquivo bem gerido (EDMONDSON, 1998, p. 8).

Essa visão se aproxima com a sensação do que a palavra arquivo proporciona aos sujeitos a sensação de um lugar velho, abandonado, repleto de caixas ou pastas contendo papéis (documentos). Ele é visto como uma espécie de arquivo “morto”, no qual encontra-se uma pessoa mais velha trabalhando em um local solitário e abandonado. Esse poderia ser compreendido enquanto um cenário apresentado pela visão sobre o arquivo visto enquanto instituição, sob o ângulo do estereótipo cunhado pela sociedade. Nessa visão apresentada, o arquivo é resumido a uma função de salvaguarda com pouca utilidade, apenas enquanto estoque.

Na compreensão sobre o que seria um documento tem-se a contribuição dos estudos de Buckland (1997), que no artigo intitulado “What is a document?” traz uma discussão sobre o conceito atrelado ao campo da Documentação. De acordo com o autor a palavra documento denota a informação como coisa (BUCKLAND,

1991). O interesse em compreender o conceito de documento, sobretudo no campo da ciência da informação, em razão dos sistemas de armazenamento e recuperação da informação (o registro).

Com isso, enquanto o arquivo se apresenta como um lugar (instituição), o objeto identificado e encontrado nesse arquivo é o documento, que pode ser de caráter físico ou digital. O arquivo tem a potencialidade não somente em realizar a salvaguarda, mas, também, de organizar e representar, primeiramente, esses documentos através de uma sistematização. Esse documento pode assumir diferentes formatos como o audiovisual, sonoro ou iconográfico - podendo ser encontrado em sua forma física ou digital.

O documento sonoro está presente no cotidiano da sociedade, seja em um espaço físico destinado para armazenar esses documentos ou virtual, como observado nos computadores, notebooks e dispositivos eletrônicos móveis (*smartphones* e *tablets*). Assim, visualiza-se que o arquivo está cada vez mais presente na sociedade, principalmente, como um lugar de memória.

Como destacam Cajazeira e Souza (2020), os arquivos jornalísticos, sejam em áudio ou em vídeo, estão cada vez mais presente nos ambientes multiplataformas. Eles são distribuídos pelas diversas mídias, possibilitando não somente a visualização de novas formas de armazenamento. Mas, também a averiguação de novos modos de consumo nesse emaranhado complexo que é o ecossistema midiático contemporâneo.

3 A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA VIRTUALIZADA DO PODCAST JORNALÍSTICO

Com a introdução da internet e da WWW³ na vida cotidiana, amparadas no uso pelos dispositivos de comunicação como os computadores e, mais recentemente, dos dispositivos móveis como os *smartphones*, a sociedade tem se tornado cada vez mais virtualizada. Diversos processos são realizados de forma simples, fácil e acessível através de uma rede invisível de navegação proporcionando um tráfego informacional instantâneo, sem barreiras e digitalizado. Nessa reflexão, há quem não goste de falar de revoluções, mas de processos evolutivos, porém, sem dúvida, com a chegada da internet identifica-se uma série de revoluções nos mais diversos campos e processos da vida: dentre eles, os aspectos relativos à salvaguarda de memória.

A produção de memória é algo que acompanha o homem desde os tempos pré-históricos e a sua preservação, enquanto objeto artificial e de forma

³ World Wide Web ou, simplesmente, Web pode ser traduzida como uma rede de alcance mundial. Ela é um sistema de documentos em hipermídia que estão interligados e executados na internet.

registrada sob o uso de suportes, funciona como uma possibilidade de acesso ao passado. Já que a memória humana não possui a capacidade de funcionar como um gigantesco HD⁴ ao longo da vida. Assim, faz-se necessário recorrer aos lugares de memória, para que as informações e lembranças possam ser acessadas através desses fragmentos.

Essa memória virtualizada está presente no ciberespaço, que “é um ambiente inconstante e virtual, no qual os dados se encontram em interminável movimento e se sucedem, se modificam, se interagem e se excluem” (CARELLI; MONTEIRO, 2007, p. 1), disponibilizando informação e gerando conhecimento através de seu caráter desterritorializado. Essa desterritorialização do ciberespaço é importante por apresentar uma nova forma de espalhamento do acesso para a informação, reorganizando toda a estrutura social estabelecida anteriormente.

Em relação a memória e as formas de preservação, compreende-se que “[...] a internet surge não só a suprir necessidades e superar constrangimentos na cronologia do processo comunicacional, mas também criar desafios” (NOGUEIRA, 2003, p. 159). E são os desafios apropriados ao campo da memória, que se busca propor uma reflexão no diálogo entre os arquivos audiovisuais e os processos de armazenamento, uso, acesso e recuperação dessas memórias nos ambientes digitais de informação.

Nessa perspectiva dos estudos de memória digital as considerações de Palacios (2004, 2010, 2014), são pertinentes e fundamentais para o aprofundamento da pesquisa. Ao refletir sobre a memória, o autor observa que:

Nunca em tempos históricos nossa sociedade esteve tão envolvida e ocupada em processos de **produção de memória**; nunca o **estoque de memória** social esteve tão fácil e rapidamente disponível, e nunca esteve o jornalismo – enquanto prática social – tão centralmente localizado em meio a tudo isso (PALACIOS, 2010, p. 37, grifo nosso).

Apesar de Palacios (2010) atentar-se para a memória vinculada ao cenário jornalístico, as suas proposições de produção e estoque de memória a que se refere dialogam, perfeitamente, com as ideias apresentadas aos arquivos em áudio (*podcast*). A sociedade vem produzindo uma enorme quantidade de memórias a serem estocadas e armazenadas, em um volume torrencial sem freios. Esse processo pode ser observado visualizando os dispositivos de comunicação (*smartphones*, por exemplo).

Tudo está virtualizado ou virtualizando. Isso não significa que a vida se tornará melhor ou, necessariamente, mais simplificada e que os processos

⁴ HD é um disco duro (*hard disk*) ou rígido de armazenamento de dados. É uma memória de massa ou secundária através desse suporte informático.

físicos irão ter um fim. É necessário ter a sutileza em identificar que as mudanças ocasionadas possuem sempre dois lados da moeda. Se, por um lado, através da virtualização tudo está a clique dos dedos, por outro, corre-se o risco da dependência tecnológica e digital ou mesmo do sujeito tornar-se a própria máquina. E, ainda, que os processos de esquecimento ainda fazem parte do jogo. É um território em que se perde e se ganha ao mesmo tempo. Assim, essa ideia de virtualidade perpassa “[...] a ideia de um aqui e agora, ou seja, de espaço e tempo entrecruzados, que preside à singularização do fato” (SODRÉ, 2009, p. 26).

A essa virtualidade do agora é que se credita a necessidade em explorar as potencialidades do ambiente digital, da Web, para o armazenamento dos arquivos em áudio. Não se trata de utilizar esse novo ambiente apenas como suporte de armazenamento e recuperação, mas como ambiente de trocas simbólicas, de território informacional fértil para os mais diversos ambientes e profissionais que lidam com a informação.

Acerca desse ambiente digital e dessa memória virtualizada é preciso fazer algumas ponderações. Palacios (2004) idealiza a memória através de uma inexistente limitação de armazenamento de informação, que potencializa a memória. Assim, seria possível afirmar que se tem nessa combinação de características e circunstâncias, o que ele chama de ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores. Essa ideia de ruptura é apresentada pela potencialidade do ambiente digital em armazenar e manter o registro da produção humana armazenado.

Esses meios virtuais de memória se apresentam como as **memórias auxiliares** da sociedade, pois biologicamente é necessário esquecer para armazenar novas lembranças (DODEBEL; GOUVEIA, 2008, grifo nosso), já que o acúmulo mental acarretaria numa desordem dos fatos e das lembranças. É nesse sentido, que o surgimento de novos meios e possibilidades de armazenamento externos como a memória digital dialogam com essa necessidade de rememorar, de preservar e salvaguardar o passado.

Essa vulnerabilidade da memória digital também é discutida na Ciência da Informação, na qual o esquecimento é visto como uma categoria, em conjunto da preservação (retenção) e lembrança (recuperação) (CARELLI; MONTEIRO, 2007). Essa tríade, relaciona-se com a memória e com a movimentação que ocorre no ciberespaço, pois, mesmo diante do suporte da memória, como no caso dos ambientes digitais e as nuvens computacionais, Lévy (1998) explica que esse lugar também apresenta o apagamento de memórias. Assim, “a virtualidade é uma condição inerente à memória, que a memória pode ser modelada pelas tecnologias digitais e por seus efeitos, mas ela não pode ser apenas redutível a

eles” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, p. 2).

Neste sentido, ainda que a memória em seu caráter virtual também está diante aos processos de esquecimento, ela possibilita a expansão desses lugares de memória proporcionando uma sistematização do processo de armazenamento e arquivamento informacional. Além, de explorar as possibilidades advindas das “nuvens” computacionais, sobretudo com base nos arquivos em bancos de dados elaborando um gigantesco sistema de arquivo, que pode ser acessado de forma remota e através de qualquer dispositivo comunicacional.

Assim, surge a ideia de novos lugares de memória (CAJAZEIRA; SOUZA, 2019), a partir dos estudos de Nora (1993) e a sua concepção de lugares de memória. Ao trazer esses conceitos para o campo da memória, o autor explora as novas formas de armazenamento da memória, visto que já não se tem mais lugar para retê-la. Ou seja. São os lugares artificiais, produzidos pelo homem para que a memória possa ser capturada e, posteriormente, acessada.

A partir desses lugares artificiais e tecnológicos identificados, principalmente em ambientes digitais de informação é que se visualiza o surgimento dos novos lugares de memória. A ideia que se observa é que “esses novos lugares da memória podem funcionar como potencializadores da memória [...] mas que ainda são pouco explorados” (CAJAZEIRA; SOUZA, 2019, p. 1). O uso das ferramentas digitais e dos recursos que elas propiciam, sobretudo pensando no uso desse novo lugar pelas instituições de ensino não são explorados ou utilizados, em sua grande maioria.

Os novos lugares de memória estão entrelaçados com o advento da tecnologia digital, no qual se observa o aumento da capacidade de armazenamento e processamento da expansão da memória para além do espaço físico. Uma vez que o espaço digital é um “espaço virtualmente ilimitado para o armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada e associada à disponibilização dos públicos alvos visados” (PALACIOS, 2014, p. 95) e disseminada sem limitação de tempo e espaço.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia parte de uma pesquisa do tipo aplicada, caracterizada através de uma abordagem quanti-qualitativa, uma vez que se configura a partir da objetividade e subjetividade da pesquisa. Esse modelo de abordagem proporciona condições para compreender as condições do homem, pois “a qualidade está sempre ligada a qualidade” (GRAMSCI, 1995, p. 51).

A relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

Assim, essas suas abordagens possibilitam observar, identificar e compreender a realidade multifacetada em torno dos arquivos em áudio jornalísticos. Não visando um enfrentamento entre esses dois modelos, mas, pelo contrário, corroborando na conjuntura colaborativa entre dados quantitativos e qualitativos em torno do objeto de estudo.

A pesquisa foi iniciada com um levantamento bibliográfico acerca dos temas envolvidos realizado na busca por artigos, periódicos, revistas, monografias, dissertações e teses. Além disso, o uso da pesquisa exploratória também se faz presente. Através desse tipo de pesquisa deseja-se “esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses [...]” (GIL, 2008, p. 27). Com isso, a investigação perpassa um período de observação do acervo em áudio do podcast “O Assunto” no Portal G1 das Organizações Globo de 26 de agosto de 2019 a 14 de janeiro de 2020, totalizando 100 edições observadas. Essa exploração servirá para que se possa conhecer a realidade da organização e do seu trabalho: a rotina de produção, os temas abordados e o tempo dedicado às edições, bem como a estrutura do hipertexto.

A investigação também se caracteriza como descritiva, realizando uma observação de forma satisfatória sobre as diversas dimensões do objeto de estudo. Para Richardson (2011), a pesquisa de natureza descritiva tem como seu objetivo a descrição sistemática de determinado fenômeno ou área do saber, a qual se deseja investigar, de modo objetivo e detalhado. A partir dela que será possível desenvolver uma discussão com dados sólidos e visíveis do objeto de investigação.

5 O PODCAST “O ASSUNTO”

O podcast jornalístico “O Assunto” do Portal G1 de notícias é o objeto de estudo da presente investigação. Os arquivos em áudio jornalísticos apresentam uma carência de maior reflexão sobre a linguagem, práticas de armazenamento e memória em ambientes on-line. Nesse sentido, as potencialidades de estudo e investigação que esse objeto apresenta indicam caminhos para verificar o seu estado da arte na contemporaneidade.

É interessante observar que o armazenamento e a difusão do podcast

o assunto está disponível nas seguintes aplicações digitais: *Spotify*, *Castbox*, *Google Podcasts* e *Apple Casts*. O *podcast* em questão, “O Assunto” pode tanto ser acessado por assinantes como por não assinantes, o que facilita o acesso e a disseminação da informação. Outro ponto que deve ser observado é em relação aos participantes do programa. A apresentação é feita pela jornalista da TV Globo e da Globo News Renata Lo Prete e os convidados, como informado no site do *podcasts*⁵, são jornalistas e analistas da TV Globo, Globo News, Portal do G1 e demais veículos do Grupo Globo.

Com isso, busca-se dialogar sobre o material noticioso que é produzido pela redação do G1. Além disso, são arquivos pouco estudados no campo científico da Comunicação. Dessa forma, os arquivos em áudio jornalísticos propõem condições de estudo e aprofundamento, sobretudo em relação aos processos de representação e memória em ambientes digitais. Enquanto objeto de investigação no campo jornalístico, o *podcast* pode ser definido como um

[...] programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor” (BARROS; MENTA, 2007, p. 2).

Como explica Freire (2013), a definição acima considera principalmente o aspecto técnico advindo da tecnologia. O *podcast* consiste da produção de um arquivo de áudio em formato digital, que pode ser baixado ou ouvido on-line de forma semelhante a um arquivo de música, porém que apresenta um conteúdo com programas falados, como no caso do programa “O Assunto”.

A utilização, surgimento e a popularização do termo *podcast* tem sido observada desde meados dos anos 2004 e 2005 (FREIRE, 2015). O autor explica que “a circulação de arquivos no formato de programas de áudio pelo ciberespaço já não era novidade. Nesse época, todavia, era necessário procurar o arquivo no site que o publicava, fazer o download para um computador para que se pudesse ouvi-lo” (FREIRE, 2015, p. 37). Ou seja, alguns empecilhos tecnológicos tornavam dificultoso o seu acesso e a sua própria difusão.

Dessa forma, o *podcast* se apresenta como um meio de expansão jornalística nesse universo convergente e transmidiático, acelerado pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Assim, o *podcast* faz a mediação e a reflexão dos assuntos de importância com a sociedade, pois o conteúdo

⁵ Informação disponível em: <https://audioglobo.globo.com/g1/podcast/feed/702/o-assunto>. Acesso em: 5 fev. 2020.

informacional contido em cada um desses arquivos é fruto da interação jornalismo-sociedade. Assim, essa memória social necessita de maiores investigações e aprofundamento. Para Brasil e Pavlik (2016, p. 31),

[...] arquivos de notícias têm sido fontes difíceis e caras de informações essenciais e de conhecimento para pesquisadores, historiadores ou mesmo para os próprios jornalistas. Além das questões financeiras e de direitos autorais, as ferramentas de pesquisa mais eficientes ainda estão em evolução e o acesso direto a grandes coleções online ainda é difícil e raro.

Esses arquivos mantêm uma memória social, que necessita ser preservada não somente para a sua recuperação como fonte de uso e pesquisa. Mas, também, como forma de propagar e disseminar uma fonte de informação e conhecimento para diversos atores que estão envolvidos nesse tipo de produção digital em áudio. Além disso, os arquivos de áudio como no caso do podcast “O assunto”, expandem a discussão do assunto que por vezes são tratados de forma breve ou não muito aprofundada nos telejornais, por exemplo.

É possível pensar no *podcast* “O assunto”, como um produto jornalístico atualizado, contextualizado e aprofundado do conteúdo telejornalístico para a plataforma on-line. Com isso, percebe-se que “as organizações comunicacionais [...] se encontram perante uma realidade híbrida, participativa e estreitada pelas relações interativas (...)” (SOUZA, 2015, p. 14), propondo um novo modelo de conteúdo sonoro jornalístico híbrido e convergente.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para a análise das 100 primeiras edições do *podcast* “O Assunto”, foi realizada a divisão em 10 categorias: natureza; política; saúde; economia; mundo; ciência; educação; cotidiano; cultura e esporte. Tais categorias foram identificadas a partir do processo de catalogação dos *podcasts*, visando identificar quais as temáticas discutidas. As editorias foram elencadas a partir do próprio portal do G1, compondo umas das partes do ecossistema midiático jornalístico do conglomerado de comunicação da Rede Globo. A apresentação dos dados pode ser vista tanto da tabela 2 quanto no gráfico 1, é possível identificar a quantidade de programas por temática:

Tabela 1 - Editorias elencadas e número de programas

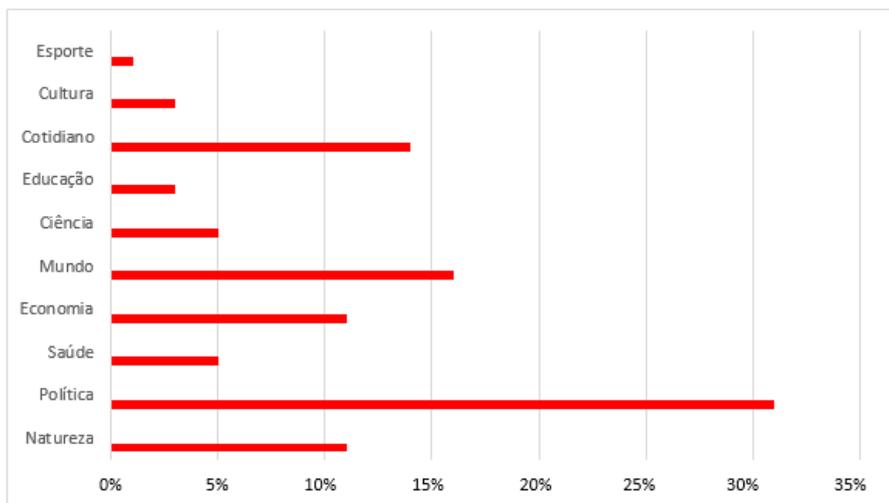
Editoria	Número de podcasts
----------	--------------------

Natureza	11
Política	31
Saúde	5
Economia	11
Mundo	16
Ciência	5
Educação	3
Cotidiano	14
Cultura	3
Esporte	1

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Já no Gráfico 1, apresentamos as porcentagens de cada editoria e sua respectiva quantidade de programas de áudio produzidos.

Gráfico 1 - Porcentagem de programas por editoria



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

A editoria de “Política” apresenta mais de 30% dos programas analisados

(26 de agosto de 2019 a 14 de janeiro de 2020). O fato é decorrente das inúmeras pautas que o novo governo do presidente Jair Bolsonaro ofertou aos veículos de comunicação no Brasil. Dessa forma, os 31 programas com a temática de política buscaram aprofundar a discussão sobre os temas em cada um dos *podcasts*.

As outras quatro editorias mais discutidas na programação do programa foram “Mundo” (16), “Cotidiano” (14) e; “Natureza” e “Economia” (11). Dentro da categoria Mundo, os temas de política e economia internacionais foram os assuntos mais discutidos, principalmente envolvendo os EUA e o presidente Donald Trump. Em “Cotidiano” foram identificados os temas relacionados sobretudo à violência. Na categoria “Natureza”, os destaques foram as manchas de óleo nas praias do litoral nordestino e a situação climática. Já na editoria “Economia”, visualiza-se as influências políticas que foram transformando a paisagem econômica.

Dessa forma, constata-se que dentre os 100 programas analisados, 60% dos *podcasts* são sobre política, mundo (assuntos internacionais variados) e cotidiano (principalmente assuntos voltados para a violência). Os outros 40% da programação estão compostos por economia, natureza, saúde, ciência, educação, cultura e esporte. Como apontado na tabela 1 e no gráfico 1, as temáticas sobre educação, cultura e esporte foram as menos discutidas e colocadas em pautas no *podcast* “O Assunto”. Ou seja, visto que há um processo de convergência tecnológica na criação do *podcast* em comparação com os mesmos temas discutidos nos telejornais e no portal do G1, a editoria política teve predominância na programação nacional, a partir do Grupo Globo.

Por outro lado, outros temas que também mereciam mais destaques como educação e saúde, por exemplo, se tornam temas menos discutidos e presentes no *podcast* - inicialmente nessas primeiras 100 edições.

Tabela 2 - Relação de temáticas por mês

Editoria/ Mês	Agosto	Setem- bro	Outu- bro	No- vembro	Dezem- bro	Janeiro	Total
Natureza	1	1	4	3	1	1	11
Política	2	7	9	7	5	1	31
Saúde	1	1		-	3	-	5
Economia	1	1	2	3	4	-	11
Mundo	-	3	2	3	2	6	16
Ciência	-	2	-	1	2	-	5
Educação	-	1	2	-	-	-	3

Cotidiano	-	2	3	4	5	-	14
Cultura	-	-	3	-	-	-	3
Esporte	-	-	-	1	-	-	1

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Na relação entre mês e editoria, a temática política está presente, principalmente, no mês de outubro (9), seguido pelos meses de setembro (7) e novembro (7). Conforme a análise vai sendo realizada mês a mês, há uma mudança da preponderância de temas que são abordados com maior evidência em cada mês. Em outubro a editoria natureza (4) esteve muito presente nos *podcasts*, pois foi o entre os meses de setembro e outubro que as manchas de óleo nas praias do litoral nordestino tornaram pautas frequentes nos meios de comunicação.

As demais editorias nos outros meses apresentam poucas mudanças e variações, seguindo um fluxo sem grandes saltos quantitativos entre uma ou outra editoria. No entanto, apenas na primeira quinzena de janeiro a editoria economia tem uma representatividade maior (6) em relação aos outros meses do programa. Esse vislumbre pode ser identificado, visto que janeiro é um mês de grande movimentação financeira com o pagamento das principais despesas como IPVA, seguro, matrícula de escolas, aumento do valor do salário mínimo entre outros.

Dessa forma, percebe-se que a integração das mídias, assuntos e temáticas estão convergindo nesse ecossistema midiático. A televisão e a internet estão interagindo para a construção de novos formatos oriundos de produtos e processos já existentes. Porém, adaptados com a realidade da sociedade informacional contemporânea, móvel e que transita entre a programação da TV e os seus desdobramentos nas plataformas digitais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os *podcasts* do programa “O Assunto”, visto enquanto uma inovação na forma de produzir, disseminar e armazenar conteúdo sonoro jornalístico no ambiente on-line, é possível identificar as possibilidades advindas da narrativa transmidia em conjunto com o papel desempenhado pela convergência tecnológica. Nesse novo ecossistema midiático ou melhor, um ecossistema transmidiático, as fronteiras são diluídas e as plataformas e os jornalistas trabalham em conjunto. Dessa forma, não se tem apenas partes de conteúdos que se integram,

mas um aprofundamento da notícia.

No caso estudado neste artigo, o processo de convergência é ainda mais intenso. Uma vez que praticamente todo o conglomerado de comunicação do Grupo Globo está integrado na produção jornalística. As notícias veiculadas sobretudo nos telejornais são potencializadas em cada podcast do programa, trazendo comentaristas, analistas e outros personagens do cenário jornalístico para discutir e debater o tema em questão seja de cunho político, econômico, cultural, de saúde etc.

Na análise dos 100 primeiros programas a editoria política dominou o cenário dos programas. Uma possível explicação é a avalanche noticiosa e cotidiano, ofertada pelo novo Governo brasileiro. O primeiro ano do presidente Jair Bolsonaro foi repleto de grandes acontecimentos, que podem ser observados nas mais diversas plataformas de comunicação: jornais e revistas impressas, rádio, TV e redes sociais.

Em relação ao aspecto da memória, a estratégia utilizada pelo Grupo Globo parte, principalmente, no diálogo com as novas mídias digitais. Os novos lugares de memória propiciados pelo ambiente digital como no caso dos aplicativos, possibilitam não apenas o arquivamento e o armazenamento de conteúdos sonoros jornalísticos. Esses lugares aproximam produtores e consumidores, criam um sistema de memória sonora jornalística e têm potencialidade para a disseminação do conteúdo em larga escala através da internet.

Na estratégia jornalística transmidiática utilizada pelo Grupo Globo, alguns pontos negativos podem e precisam ser questionados. A falta de pluralidade de opiniões para além dos profissionais da empresa; a seleção das notícias advindas dos outros programas para compor o *podcast*; os enquadramentos e recortes abordados da notícia a ser aprofundada e; a duração de alguns programas que varia conforme a temática. São alguns dos pontos que merecem uma observação mais detalhada tanto por pesquisadores, quanto pelo próprio sujeito que está consumindo informação.

Nesse sentido, as pesquisas acerca dos arquivos jornalísticos sonoros a partir do *podcast*, o universo transmidia, a convergência tecnológica e o arquivamento e armazenamento no ambiente on-line ainda necessitam de maiores investigações científicas. O que proporciona aos pesquisadores um novo campo de estudos jornalísticos a ser explorado, visualizando a transformação da paisagem midiática em pleno século XXI.

REFERÊNCIAS

BARROS, G. C.; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la información y Comunicación*, vol. IX, n. 1, 2007. Disponível em: www.eptic.com.br. Acesso em: 2 jan. 2020.

BRASIL, Antonio; PAVLIK, John. Big data, código computacional e arquivos de notícias televisivas: implicação dos avanços nos métodos de investigação audiovisual para a qualidade do jornalismo. *Parágrafo*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 30-52, jul./dez., 2016.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 42, n. 5, 1991, p. 351-360.

BUCKLAND, M. K. What is a “document”? *Journal of the American Society for Information Science*, Medford, v. 48, n. 9, 1997, p. 804-809,.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo; SOUZA, José Jullian G. de. A memória virtualizada do arquivo audiovisual jornalístico. In: XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 20, 2019, Santa Catarina. *Anais eletrônicos [...] Florianópolis*: UFSC. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/474>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SOUZA, José Jullian Gomes de. O arquivamento da memória televisiva em plataformas de aplicativos digitais. *Rumores*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 200-22, julho - dezembro 2020.

CARELLI, Ana Esmeralda; MONTEIRO, Silvana Drumond. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, 2007, Salvador. *Anais eletrônicos [...] Salvador*: PPGCI/UFBA. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1-104.pdf>. Acesso em: 2 set. 2019.

CRUZ MUNDET, J. R. *Archivística: gestión de documentos y administración de archivos*. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. *DataGramaZero*, João Pessoa, v. 9, n. 5, p. 1-11, out 2008.

EDMONDSON, Ray. *Arquivística audiovisual: filosofia e princípios*. Trad. de Carlos Roberto Rodrigues de Souza. – Brasília: UNESCO, 2017.

EDMONDSON, Ray. *Uma filosofia dos arquivos audiovisuais*. Paris: UNESCO, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREIRE, Gabriel Ribeiro. *Ideias sem fio: um panorama sobre podcasts no Brasil*. 76f. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Organizacional, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2015.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: novas vozes no diálogo educativo. *Interacções*, Lisboa, v. 9, n. 23, 2013, p. 102-127. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/2822stas.rcaap.pt>. Acesso em: 2 jan. 2020.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Susana Alexandria, 2. ed., São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993, p. 239-262, jul./set.

NOGUEIRA, Luís. Jornalismo na rede: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo. (Orgs.). *Informação e comunicação online (vol. 1)*. Covilhã: LabCom, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Nº 10 História & Cultura. São Paulo: PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. *MATRIZES*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 37-50, jul./dez., 2010.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros

LabCom, 2014.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Orgs). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RICOUER, P. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SALAVERRÍA, R.; GARCÍA-AVILÉS, J. A; MASIP, P. **Convergencia periodística: Propuesta de definicion teórica y operativa**. Barcelona: Sol90 Media, 2007.

SCOLARI, C. Narrativas Transmídias: consumidores implícitos, mundos narrativos e branding na produção de mídia contemporânea. **Revista Parágrafo**, São Paulo, p. 1-15, jan/jun 2015, v. 1, n. 3. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/291/298>. Acesso em: 4 jan. 2020.

SODRÉ, M. Tempo e acontecimento. In: BARBOSA, M.; FERNANDES, Marcio; MORAES, Osvaldo J. de (Orgs.). **Comunicação, Educação e Cultura na era digital**. São Paulo: Intercom, 2009.

SOUZA, José Jullian G. de. **Websérie documental: análise da produção audiovisual jornalística contemporânea na internet**. 2015. Monografia (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, 2015.

VIEIRA, Thiago de Oliveira. Os documentos audiovisuais, iconográficos e sonoros: uma análise dos atores e suas produções acadêmicas. In: BLANCO, Pablo Sotuyo; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de; VIEIRA, Thiago de Oliveira (Organizadores). **Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais**. Salvador: EDUFBA, 2016.